PRIMEIRO CAPÍTULO

Necessidade, estrutura e primado da questão do ser

§ 1. Necessidade de uma retomada explícita da questão do ser

Embora nosso tempo se arrogue o progresso de afirmar novamente a “metafísica”, a questão aqui evocada caiu no esquecimento. E, não obstante, nós nos consideramos dispensados dos esforços para desenvolver novamente uma γιγαντομαχία περὶ τῆς οὐσίας. A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer *como questão temática de uma real investigação*. O que ambos conquistaram manteve-se, em muitas distorções e “recauchutagens”, até a *Lógica* de Hegel. E o que outrora se arrancou, num supremo esforço de pensamento, ainda que de modo fragmentado e ta-teante aos fenômenos, encontra-se, de há muito, trivializado.

E não só isso. No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido de ser, como lhe sanciona a falta. Pois se diz: “ser” é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível, prescinde de definição. Todo mundo o emprega constantemente e também compreende o que ele, cada vez, pretende designar. Assim o que, encoberto, inquietava o filosofar antigo e se mantinha inquietante transformou-se em evidência meridiana, a ponto de acusar quem ainda levantasse a questão de cometer um erro metodológico.

[3] No início dessa investigação não se pode discutir em detalhes os preconceitos que, sempre de novo, plantam e alimentam a dispensa de um questionamento do ser. Eles encontram suas raízes na própria ontologia antiga. Esta, por sua vez, pode apenas ser interpretada de modo suficiente – quanto ao fundamento de onde brotaram os conceitos e quanto à adequação das justificativas propostas para as categorias e sua completude – esclarecendo-se e respondendo à questão do ser. Por isso, nós só conduziremos a discussão dos preconceitos até onde se possa ver a necessidade de se retirar a questão sobre o sentido de ser.

- a 1. “Ser” é o conceito “mais universal”: τὸ ὄν ἐστὶ καθόλου μάλιστα πάντων²⁰. *Illud, quod primo cadit sub apprehensione, est ens, cuius intellectus includitur in omnibus, quaecumque quis apprehendit*²¹. “Uma compreensão de ser já está sempre incluída em tudo que se apreende no ente”. A “universalidade” de “ser”, porém, não é a do *gênero*. “Ser” não delimita a região suprema do ente, pois esse se articula conceitualmente segundo gênero e espécie: οὔτε τὸ ὄν γένος²². A “universalidade” do ser “*transcende*” toda universalidade genérica. Segundo a terminologia da ontologia medieval, “ser” é um “*transcendens*”. A unidade desse “universal” transcendental frente à multiplicidade dos conceitos reais mais elevados de gênero foi entendida já por Aristóteles como *unidade da analogia*. Com essa descoberta, Aristóteles apresentou em nova base o problema do ser, apesar de toda a dependência do questionamento ontológico de Platão. No entanto, ele também não esclareceu a obscuridade desses nexos categoriais. A ontologia medieval discutiu variadamente o problema, sobretudo nas escolas tomista e escotista, sem, no entanto, chegar a uma clareza de princípio. E quando, por fim, Hegel determina o “ser” como o “imediate indeterminado” e coloca essa determinação à base de todas as posteriores explicações categoriais de sua *Lógica*, ele ainda permanece na mesma direção da antiga ontologia com a diferença de que abandona o problema já colocado por Aristóteles da unidade do ser face

20. ARISTÓTELES. *Metafísica*, B 4, 1001 a 21.

21. TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*, II-I qu. 94, art. 2.

22. ARISTÓTELES. *Metafísica*, B 3, 998 b 22.

à multiplicidade das “categorias” reais. Quando se diz, portanto: “ser” é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de “ser” é o mais obscuro.

2. O conceito de “ser” é indefinível. Essa é a conclusão tirada de sua máxima universalidade²³. E com razão, se *definitio fit per genus proximum et differentiam specificam*. De fato, “ser” não pode ser concebido como ente; *enti non additur aliqua natura*: o “ser” não pode ser determinado, atribuindo-lhe um ente. Não se pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores e nem explicá-lo através de conceitos inferiores. Mas será que com isso se pode concluir que “ser” não oferece mais nenhum problema? De forma alguma. Daí pode-se apenas concluir que “ser” não é um ente. Por isso, o modo de determinação do ente, legítimo dentro de certos limites, como a definição da lógica tradicional, que tem seus fundamentos na antiga ontologia, não pode ser aplicado ao ser. A indefinibilidade de ser não dispensa a questão de seu sentido; ao contrário, justamente por isso a exige. [4]

3. O “ser” é o conceito evidente por si mesmo. Em todo conhecimento, enunciado ou relacionamento com os entes e em todo relacionar-se consigo mesmo, faz-se uso de “ser” e, nesse uso, compreende-se a palavra “sem mais”. Todo mundo compreende: “o céu é azul”, “eu sou feliz”, etc. Mas essa compreensibilidade comum demonstra apenas a incompreensão. Revela que um enigma já está sempre inserido *a priori* em todo ater-se e ser para o ente como ente. Por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade de princípio de se retomar a questão sobre o sentido de “ser”. a

No âmbito dos conceitos fundamentais da filosofia, e até com relação ao conceito de “ser”, é um procedimento duvidoso recorrer

23. PASCAL. *Pensées et opuscules*. (org. Brunschvicg) org. Paris, 1912, p. 169: “On ne peut entreprendre de définir l'être sans tomber dans cette absurdité: l'exprime ou qu'on le sous-entende. Donc pour définir l'être, il faudrait dire c'est, et ainsi employer le mot défini dans la définition”. (“Não se pode tentar definir o ser sem cair no seguinte absurdo: quer se o exprima, quer se o subentenda. Portanto, para definir o ser seria preciso dizer é, e assim empregar a palavra definida para a sua própria definição.”.)

à evidência, uma vez que o “evidente”, isto é, “os juízos secretos da razão comum” (Kant), deve ser e permanecer o tema explícito da analítica (“o ofício dos filósofos”).

Assim, o exame dos preconceitos tornou ao mesmo tempo claro que não somente falta *resposta* à questão do ser, mas que a própria questão é obscura e sem direção. Retomar a questão do ser significa, pois, elaborar primeiro, de maneira suficiente, a *colocação* da questão.

[5] § 2. A estrutura formal da questão do ser

Deve-se *colocar* a questão do sentido de ser. Tratando-se de uma ou até *da* questão fundamental, seu questionamento precisa, portanto, adquirir a devida transparência. Daí a necessidade de se discutir brevemente o que pertence a uma questão para, a partir daí, poder-se mostrar a questão do ser como uma questão *privilegiada*.

Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A busca ciente pode transformar-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora. O questionar enquanto “questionar acerca de alguma coisa” possui um *questionado*. Todo questionar acerca de... é, de algum modo, um interrogar sobre... Além do questionado, pertence ao questionar um *interrogado*. Na questão investigadora, isto é, na questão especificamente teórica, deve-se determinar e chegar a conceber o questionado. No questionado reside, pois, o *perguntado*, enquanto o que propriamente se intenciona, aquilo em que o questionamento alcança sua meta. Como atitude de um ente que questiona, o questionar possui em si mesmo um modo próprio de ser. Pode-se empreender um questionamento como “um simples questionário” ou como o desenvolvimento explícito de uma questão. A característica dessa última é tornar de antemão transparente o questionar quanto a todos os momentos constitutivos de uma questão.

Deve-se *colocar* a questão do sentido de ser. Com isso nos achamos diante da necessidade de discutir a questão do ser no tocante aos momentos estruturais referidos.